

O REDOBRO — UM PROCESSO NATURAL DA LINGUAGEM?

Joselice Macêdo

Fenômeno lingüístico que atraiu a atenção dos filólogos clássicos, merecendo acurados estudos, foi o do redobro.

Segundo eles, no indo-europeu, o redobro servia para reforçar o valor primitivo da raiz, revestindo-a de idéias acessórias, podendo marcar ainda, a repetição, a duração de ação ou dar uma idéia onomatopáica. Por isso, aparecia em nomes, em adjetivos ou em verbos, como se verifica nos seguintes exemplos da língua latina: *furfur* (o farelo), *barbarus* (bárbaro), *memor* (lembrado), *gigno* (produzo), *murmuro* (murmuro), *bibo* (bebo), *pipilare* (piar), *tetigi* (toquei), *dedi* (dei), *spopondí* (prometi).

Meillet 1924 faz uma distinção entre redobro intensivo (que caracteriza os chamados verbos intensivos e se encontra também em alguns nomes) e redobro normal.

No primeiro caso, o seu mecanismo pode ser resumido da seguinte maneira: a consoante ou soante⁽¹⁾ inicial da raiz reduplica-se e

segue-se uma vogal (difícil de determinar-se qual seja pois ela tende a reproduzir a do radical), em seguida, a soante que se segue (se houver uma). Esse tipo é representado em abundância no indo-eurânico, encontrando-se traços de sua existência em outras línguas, sânscrito: varvar (ele gira), dé-dis-te (ele mostra).

O redobro normal faz-se pela repetição da consoante ou soante inicial da raiz e mais um elemento vocálico (geralmente *i ou *e). O i aparece principalmente nos presentes: sânscrito: pi-par-mi (eu encho), latim: gigno. O e aparece no perfeito me-mi-ni-, ce-ci-ni (lembro-me, cantei).

Shields 1976, pouco convencido pelas interpretações clássicas, levantou a hipótese de que essas vogais (i, e) presentes no redobro, estariam associadas às partículas adverbiais em i e em ti, com função específica temporal. O i seria associado à significação do presente, como se vê em terminações de verbos primários em *ti, em *si, em *mi. O e estaria associado ao passado, como se verifica no aumento verbal.

As raízes que compreendem i, u, o estão sujeitas a repetí-las no redobro do perfeito, como em indo-iraniano, ítalo-céltico. Em sânscrito ri-rica (deixou), bu-bódha (ele observou), no latim: cu-curri (corri), pu-pugi, (ao lado de pe-pugi) (afligi-me), spopondi, etc.

Enfim, a metodologia dos comparativistas estabelece uma hipótese geral (Meillet 1922) de uma “nação indo-européia” bem definida, que se multiplicou em “sub-nações”, caracterizadas por tendências comuns não só diacrônicas como voltadas para inovações.

Da revisão da literatura desse campo de pesquisa, ressalta um consenso, no sentido de que as coincidências detectadas entre as línguas indo-européias e no caso particular as do redobro resultam da aplicação de um princípio geral, existente naquelas línguas, oriundas de uma mesma protolíngua.

Isso motiva a reflexão do problema, acrescido da observância do fenômeno não só em estágios diacrônicos, mas ainda em estudos sincrônicos de línguas como o português, o francês, línguas ameríndias, línguas indígenas brasileiras, etc, o que nos leva, neste trabalho, à indagação do seu caráter universal.

Assumimos, em relação ao controvertido conceito de universal da linguagem, o “pragmatic view”, definido por Hans-Heinrich-Lieb 1975.

Sem repetir a formalização lógica apresentada por Lieb em seu artigo, esse conceito pode ser caracterizado como sendo tudo o que for

atribuído às línguas, por qualquer teoria da linguagem, dependendo de investigações práticas, o que define o caráter empírico dessa posição. Portanto, o objetivo final de uma pesquisa sobre universais da linguagem seria o de estabelecer uma série de propriedades da linguagem tais que se forem universais terão um alto grau de probabilidade, envolvendo, assim, pesquisas empíricas e estudos de teorias usadas ou desenvolvidas em tais investigações.

Este trabalho é uma tentativa de interpretação do redobro à luz de uma teoria lingüística contemporânea, estabelecendo regras que dêem conta das diferentes formas superficiais, em línguas diversas. Para tanto, são examinadas, inicialmente, algumas formas superficiais de redobro, identificadas em um pequeno **corpus** formado de elementos tomados a diferentes línguas. Em seguida, são apresentados, brevemente por limitação de espaço, algumas interpretações das regras de redobro, segundo posições teóricas diferentes, para então, ser apresentada uma proposta nossa, emanada de princípios da chamada fonologia natural.

O **corpus** é apresentado dentro do esquema de dois tipos superficiais de redobro: total e parcial.

O **redobro total** (de palavras ou morfemas monossilábicos) pode apresentar-se com dois sub-grupos: redobro total aparentemente não modificado e redobro total aparentemente modificado.

Formas de redobro total do primeiro tipo já foram exemplificadas em **línguas indo-européias** e encontram-se também no **português**: lambe-lambe (fotógrafo ambulante), zum-zum, tin-tim, reco-reco, etc.

Na língua **Birom**, falada na África (Bouquiaux 1970) identificam-se: dá-dá (papai), que parece ser um caso de redobro silábico, jot-jot (muito frio), myöm-myöm (muito áspera) ahá yan yan (ele fala com voz muito baixa).

Na língua **Gbeya**, também falada na África, (W. Samarin 1966), por exemplo, advérbios descritivos são constituídos de elementos repetidos nos quais o tom é alto ou baixo: kir kir (ficando redondo), gbi? di? gbi? di? (enorme e alto).

Em **Kikongo** (cf. N Landu L. 1978), diminutivo faz-se prefixando fi à classe lu. Assim, kaya (folha), filu kaya (folha pequena), filu kaya kaya (folha muito pequena)

No **Yoruba** (Bamgbose 1966) encontram-se bojú (cobre face), bojú bojú (alguém que cobre a face), kiá kiá (rápido), patá patá (completamente), pano (extingue fogo) pano pano (bombeiro).

Em **Nambiquara**, língua indígena brasileira (M. Kroeker), encontram-se, por exemplo, morfemas da classe dos adjetivos descritivos, tais como, cores, tamanho, forma de objetos e formas onomatopáicas: wataũ³ wataũ³ nãrã^{3 3 2} (é redondo), hehennãrã^{3 3 3 2} - (é vermelho), wasisinnãrã^{3 3 3 3 2} (é seco), watãitãinãrã (é fino), etc.

O **Mundurukú**, também uma língua indígena brasileira (M. Crofts 1971), apresenta tipos de redobro como: orõ³ orõ^{2 3 2} (um tipo de macaco), kore kore (rã)^{3 3 2}, pĩn³ (um), pĩn³ pĩn² (alguns) xep³ xep² (dois) (naturalmente reduplicado), imĩ³ karãw^{2 3 3} karãw³ (o está assando).

No **Francês**, foi levantado um glossário de casos de redobro, chamado por Y. Morin 1972 de "echo words", dentre os quais citamos ronron, bébé, blablãbla, bonbon, chouchou, etc.

Na língua nacional das Filipinas, **Tagalog** (Wilbur 1973), verbos enfáticos ou com sentido diminutivo têm redobro: súlat (escrever), sulatsúlat (escrever um pouco), bagayó (tempestade), man bagayó bagayó (semelhante a um furacão).

O redobro total aparentemente modificado processa-se com a interferência de regras fonológicas e, às vezes, de regras tonológicas.

Em **Mongo** (Hulstaert 1965), língua africana, há ideofones em i: kal (abrir a floresta), kalikali (floresta abatida), mbwá (cachorro), mbwá mbwá (cachorrinho), às vezes, a qualidade propriamente dita é expressa por uma variante tonológica: a primeira metade do redobro é de tons altos e a segunda de baixos: samb (espalhar), sambísambí (muito ramificado).

Em **Wasko**, língua ameríndia da família Hokan (Wilbur 1973), uma regra aplica-se ao primeiro elemento do redobro, ensurdecendo a consoante final, depois de ter apagado a vogal final: wéde (grasnar), wétwedi (está grasnando), súbi (gritar), súpisubi (está gritando).

Já no **Luisenho**, língua Uto Azteca, observa-se na segunda ocorrência da primeira consoante do radical reduplicado, a aplicação de regras de mutação consonantal que são, segundo P. Munro e P. Benson 1973, correntes na língua: p—>v, c^v—>v^v: pídi (quebrar um objeto longo), pídi-vidi (quebrar em pedaços um objeto longo), ^vçipi (quebrar um objeto redondo), ^vçipi-lipi (quebrar em pedaços um objeto redondo).

Nos falares da Alta Itália, sobretudo na Lombardia, o adjetivo é reduplicado e a segunda forma é provida, nesse caso, de uma final ent

que lhe dá um sentido de maior intensidade: em Milão, noef novent (completamente novo), neste caso, além do redobro, há a aplicação de uma regra que sonoriza a consoante. O siciliano, pela repetição do nome, dá uma idéia de extensão no espaço: leva camminannu strati strati (andava caminhando pela estrada), unni vaju vaju tutti me salutannu (por onde eu vá, todos me cumprimentam), (Bourciez 1923).

Em **Yoruba**, além dos casos acima citados de redobro total: **normal**, identificam-se também casos em que além das regras de redobro, há inserção de um sufixo: ñ̀n̄kon (algo), ñ̀n̄konkiñ̄kon (nada). Verifica-se, em outros casos, a aplicação de uma regra fonológica e modificação nos tons, como por exemplo em odoodún (cada ano), forma reduplicada de odún (ano), em que a vogal final do primeiro elemento do redobro, inclusive o tom, assimilam-se à do segundo.

Às vezes, a seqüência de tom alto, médio, baixo médio é pejorativa no redobro: wère wère (louco).

O **redobro parcial** apresenta, superficialmente, apenas casos relativos à sílaba repetida inteira ou parcialmente, fenômeno encontrado, como foi apresentado, nas línguas indo-européias.

No português, encontramos exemplos em farfalhar, gargalhar, etc.

Em **Comox**, língua da ilha de Vancouver (Wilbur 1973) existe apenas o redobro parcial como processo produtivo fonológico pois o plural é formado pela repetição da CVC inicial, que é prefixada à base: kumãqin - (leão marinho) kumkumãqin, t! A kom (castor), t! A k^μt! Akom,^χ (t!=oclusiva glotalizada C^χ é uma oclusiva aspirada e A, uma vogal breve com qualidade embotada). O primeiro parece tratar-se, aparentemente, de um redobro parcial: Kum|ku|ma|qin.

Os verbos que têm significado, para cá e para lá, segundo Meeussen 1967, em línguas **Bantu**, apresentam esse tipo de redobro: titim (estar amedrontado), tetem (tremar), tutem (tremar). Aparentemente também se trata de redobro parcial de sílaba: tim—> titim, mas na realidade, é um redobro total: * $\begin{matrix} \nu & \nu \\ \nu & \nu \end{matrix}$ tim tim+a, ou seja, $\begin{matrix} \nu & \nu \\ \nu & \nu \end{matrix}$ ku-ti-ti-ma.

Na língua **Mongo**, falada no Zaire, a vogal da primeira sílaba do radical a ser dobrada pode ser livremente substituída por **a**: léng (enganar), ndé-lénga|ndá-lénga (enganado), kêng (estar vivo), nké-kénga|nká-kénga (estando vivo), bo-tamba (árvore), i-tá-tamba (floresta). No primeiro exemplo, verifica-se também a aplicação à forma dobrada de uma regra fonológica.

Na língua **Birom** encontra-se, além dos casos acima citados entre o redobro total, a reduplicação da segunda sílaba do morfema da base e repetida de uma a cinco vezes, para os adjetivos e advérbios, sem afetar os tons de base: bi¹à²yabavemó³ basé⁴ mwé⁵ sê⁶ sê⁷ sê⁸ (estas bananas são muito doces).

O **Mundurukú** também apresenta casos desse tipo de redobro, mas a parte repetida é afixada e um pronome possessivo é obrigatoriamente prefixado: akó²bá³ (banana), wé³ akó²bá³bá⁴ (eu tenho banana), axí³má³ (peixe), wé³axímá²má² (tenho peixe). Uma construção semelhante denota existência e, segundo Marjorie Crofts, a melhor tradução, nesse caso, do estema nominal é com o verbo haver e a vogal da sílaba reduplicada é e: axí³má³, axímá²mé³ (há peixes ou existem peixes).

A língua **Madurese**, falada em Java (Wilbur 1973), tem a segunda sílaba do radical dobrada e prefixada, formando um tipo de locução preposicional: agghuq¹ ghuq² - agghuc³ -(no futuro) adaq⁴ daq⁵ - adaq⁶ -(no começo) (q = ?).

Agta, língua malaio polinésia (Wilbur 1973), forma o diminutivo dos nomes e adjetivos redobrando a consoante inicial mais **ala**, que são prefixados ao radical. Se este for vogal, haverá uma consoante glotal: wer (enseada), walawer (pequena enseada), assang (pequeno), ala? assang (muito pequeno).

Na apresentação dos dados acima, chamamos a atenção para os casos em que às formas reduplicadas foram aplicadas regras específicas da língua. Encontramos, entretanto, casos em que ou a regra esperada falha em sua aplicação ou há uma ultra-aplicação (overapplication) da mesma, como é possível verificar-se em exemplos tirados de línguas já nomeadas neste trabalho: em **Madurese**, existe uma regra geral de assimilação nasal regressiva. Exemplo: forma reduplicada: kunkun, forma assimilada esperada * kuŋkun. Falhou, portanto, a aplicação da regra de assimilação nasal.

Em **Chumash e Tagalog**, uma consoante surda combina-se com a idêntica consoante surda ou |h|, para produzir uma aspirada: s-soyin, forma dobrada: s-soysoyin, forma esperada: * s^hoysoyin, forma existente; s^hoy s^hoyin. Constata-se, nesse caso, que não haveria ambiente para a produção da aspirada, na segunda sílaba do redobro.

Em suma, repetimos, os exemplos apresentados envolvem casos de redobro de palavra, de morfema e de sílaba. No redobro parcial, ele se apresenta como sufixo, infixos ou prefixo.

Como interpretar esse fenômeno lingüístico que se apresenta

sob tantas variadas formas?

Sapir 1915, por exemplo, separava em suas discussões sobre a linguagem os sons (fonética), dos processos gramaticais (morfologia) e dos conceitos gramaticais (sintaxe). Para ele, (cf. p. 61), o redobro estaria entre os processos gramaticais.

Bloomfield, por sua vez, (cf. p.211), distingue as alternâncias fonológicas das que são regulares mas não fonéticas e que se aplicam a categorias morfológicas, em ambiente fonético condicionador. A noção de morfofonema evoluiu das tentativas de descrição de alternâncias fonológicas dependentes da gramática, onde estaria o redobro.

A gramática gerativa transformacional não deu tratamento específico a esse tipo de processos. Não estabeleceu nem um componente morfológico na estrutura gramatical, nem determinou funções específicas morfológicas.

Na ausência de um componente morfológico em Chomsky 65, conclue-se que ele prefere "**restate the paradigmatic description directly in terms of syntactic features**" (cf. p. 171), correspondendo cada traço a cada uma das dimensões que definem o sistema de paradigmas. Portanto, o componente sintático incorporado de funções morfológicas serve de "**input**" ao componente fonológico. Regras fonológicas interpretativas, algumas específicas, algumas bastante gerais operam sobre a matriz fonológica da entrada lexical, originando a matriz fonética. Essa versão da teoria chomskiana espalha funções morfológicas entre o componente fonológico e o sintático. Já em Chomsky e Halle 1968, são discutidas relações que lhes parecem existir entre aqueles componentes.

Fica ressaltado nessa discussão o fato de que as estruturas geradas através da interação das regras sintáticas e lexicais nem sempre são apropriadas para a aplicação das regras fonológicas. Aquelas estruturas precisam ser modificadas por certas regras de reajustamento que podem acrescentar novos traços nas matrizes de certas cadeias de formativos lexicais e gramaticais. As regras de reajustamento, portanto, são formadas por um sub-conjunto de regras fonológicas, cujos ambientes são categorias morfológicas e por regras puramente fonológicas. O resultado é uma representação em termos de traços binários, com quase todas as variações especificadas e convertidas em um nível mais especificado de fonética sistemática. As regras de segmentalização um exemplo. As regras de reajustamento assumiriam grande parte das funções das regras morfológicas, que fazem aparecer os afixos, em derivações e inflexões.

Observa-se entretanto que Chomsky e Halle não propuseram

uma divisão explícita entre regras de reajustamento e puramente fonológicas. Mas inúmeras observações na literatura mostram a aceitação generalizada de tal posição.

O redobro parece-se com uma regra fonológica: tem descrição estrutural e mudança estrutural, por isso, de um modo geral, os gerativistas o incluíram no componente fonológico. Contudo, não existe um consenso relativo à sua localização. "It seems intuitively sound that rules that change morphological structure like reduplication rules, will be ordered very early in the phonological component of the grammar, perhaps before the first strictly phonological rule", afirmam P. Munro e P. Benson 1973: 11.

Anderson 1974 sugere que um princípio de ordenação disjuntiva semelhante ao proposto por Chomsky e Halle 1968, concernente ao princípio de interação de regras, governa a aplicação de uma série de regras, mas limitado ao domínio das regras fonológicas, não se estendendo a regras de detalhes fonéticos. A partir de regras de restrição seriam aplicadas regras morfolexicais, regras fonológicas, regras fonéticas. Segundo Anderson, não existe em nenhuma língua uma regra de redobro definida em termos puramente fonológicos. O redobro serve para formar novas categorias na morfologia: plurais, formas iterativas de verbos, perfeitos, etc., sendo portanto uma regra morfológica. O exemplo da língua Luiseño, já citado acima, serve-lhe de argumento a favor dessa posição. Já foi assinalado que nessa língua, uma regra geral converte $|c^v|$ em $|s^v|$ diante de consoante ou final de palavra, exceto em adjetivos reduplicados que não expirantizam o $|c^v|$ em contacto com uma consoante. Assim, de um estema $|coka|$ (ser coxo) forma-se $^v_cukackas^v$ (coxeando) e não $*^v_cukaskas^v$ como era de esperar-se. A explicação proposta por Anderson é impor uma restrição na ordenação: a expirantização precede a formação do adjetivo reduplicado, o que envolve a aplicação de regras morfolexicais (redobro) após uma regra fonológica (expirantização). Com este e outros exemplos, pretende ele ilustrar a proposta geral de que processos morfolexicais e fonológicos podem ser misturados numa gramática. Nega ainda com isso, a existência de um princípio de ordenação que iria requerer que processos morfolexicais precedam os fonológicos, embora essa seja uma situação mais natural nas línguas.

Já Wilbur 1973, 1974, defende a posição de que uma teoria seria muito mais unificada se houvesse um componente morfológico como entidade separada, subdividida em morfologia derivacional e inflexional. Esse componente seria aplicado ao **output** do componente sintático para produzir a representação à qual seriam aplicadas as regras fonológicas. A morfologia assumiria assim as funções das regras de reajustamento, constituindo-se então o componente fonológico de

apenas regras especificamente fonológicas.

Segundo ele, o redobro assemelha-se a uma regra fonológica mas sua aplicação é inteiramente determinada pela informação gramatical e pela pressuposição de que o redobro resulta de uma cópia que é idêntica, na representação subjacente, ao original, embora existam casos "excepcionais" superficiais. Para esses casos, Wilbur propõe que a análise da forma reduplicada seja feita dentro da linha em que é feita a análise da língua. Apresenta a alternativa de três mecanismos para a geração dessas formas "excepcionais".

Depois de analisar essas três possibilidades, ele conclui que elas fazem perder muito a generalização da interação das formas reduplicadas com as regras fonológicas. Para assegurar essa generalização, propõe a existência de um princípio subjacente ao comportamento aparentemente excepcional das formas reduplicadas: o **princípio de identidade** das formas não reduplicadas (R_0) com as reduplicadas (R_T). Para Wilbur "há uma tendência a preservar a identidade de R_0 e R_T em formas reduplicadas, tendência essa universal no comportamento das línguas que têm regras de redobro". E para incorporar esses princípios no esquema da fonologia gerativa corrente, propõe: a) aplicar as regras de redobro ao mesmo tempo que todos os processos morfológicos e antes das regras fonológicas, b) aplicar as condições globais sobre as regras. Desde Kenstowicz e Kisseberth 1970, a noção de **regras globais** foi proposta ser aplicada às regras fonológicas a partir do seu desempenho na sintaxe (Lakoff 1970), visto que para alguns especialistas já se tornara evidente que as regras fonológicas necessitam de mais informação do que as que estão contidas na cadeia **imput**. Assim, a regra do $|\check{c}|$ em $|\check{s}|$ do Luiseño requer uma restrição adicional: $|\check{c}|$ (e $|\check{c}'|$) \rightarrow $|\check{s}|$ se $|\check{c}|$ (e $|\check{c}'|$) $|-C$ em que $\rightarrow |\check{c}|$ é o resultado da derivação da formação do adjetivo. A condição global incorporada naquela regra determina se ela deve ou não ser aplicada à cadeia: $x(e\ x') \rightarrow y$ se x (e x') $|\ A-B$. Nesta discussão, até o momento, foram apresentados aspectos de restrições à teoria fonológica estandardizada e concernentes à interpretação do redobro: a ordenação das regras morfolexicais versus as fonológicas, a proposta de um componente morfológico independente dentro da organização de uma gramática gerativa e a inclusão de regras globais incorporadoras do princípio da identidade na gramática e explicativas de casos **excepcionais** superficiais do fenômeno em pauta.

Entretanto, desde fins dos anos 60, vem se esboçando, com variações, a chamada fonologia natural, baseada, em parte, na fonologia gerativa chomskiana com pontos de divergências. Serão focalizados apenas os aspectos que interessam à interpretação do redobro: 1) nível de abstração das representações sistemáticas das formas subjacentes e das regras fonológicas, portanto, das interações da morfologia e da fonologia; 2) as relações entre as formas lingüísticas superficiais/ as

representações subjacentes e regras fonológicas, na tentativa de dar uma realidade psicológica às regras formuladas impondo-lhes restrições. Um dos aspectos dessa restrição tem sido discutido sob a rubrica **abstração**. Numa posição bastante radical, Vennemann 1971 não admite nenhuma abstração das formas subjacentes, afirmando que as formas dos morfemas não alternados são idênticas às suas representações fonéticas e as alternadas (que têm alomorfos), têm um dos alomorfos listados no léxico, com todas as suas especificações fonéticas e os demais são derivados a partir dele. Stampe 1969, mais moderado, propõe um conceito de representação fonêmica natural menos abstrato que as da fonologia gerativa padrão, visto que o sistema fonológico de uma língua é basicamente o resíduo de um sistema inato de processos fonológicos, revisto de certo modo pela experiência lingüística. O processo fonológico seria uma substituição que ocorre no sistema nervoso central, neutralizando a oposição entre dois segmentos ou duas classes de segmentos foneticamente próximos, em favor do membro da oposição mais conforme com as restrições da capacidade da fala humana. Mas esses processos caem em séries contraditórias que são resolvidas por meio de três mecanismos: supressão total de um dos processos, supressão parcial do processo, ou ordenação na aplicação do processo. O redobro, então, seria um dos processos naturais inatos, manifestado no período do balbucio e continuado no do pós-balbucio das crianças. Jakobson 1941, Ferguson et alii 1973 e Neilson Smith 1973, por exemplo, o comprovaram em suas experiências. Em Ferguson et alii, por exemplo, lê-se que nesse estudo de caso (Leslie, um bebê), no 12º mês de idade produzia sílabas reduplicadas CVCV: [mama], [dae dae], [gae gae], revelando uma estratégia de reduplicação que continuou por muitos meses, com outras estratégias adicionais. Neilson Smith, em seu livro, cita à página 168: **"In his article Markedness, neutralisation and universal redundancy rules, Language 1969, Cairns suggests that children are born with a set of innate neutralization rules which they gradually unlearn as they master more complex articulations (p. 882) and that moreover 'there may be a definite order in which of some child loses natural rules, because the acquisition of some skills may presuppose the prior acquisition of some others'"**. Mais adiante, à página 176, N. Smith refere-se a um tipo extremamente comum de processo na aquisição da fonologia por parte das crianças, o redobro. Esse é inicialmente a substituição de uma forma monossilábica da linguagem do adulto: dog [dɔdɔ], [gɔgɔ]. Posteriormente, é uma harmonização envolvendo todos os traços de um segmento, como se tivessem opostos a um ou dois: helicopter → [aegagaga], ceiling, [lilin], etc. Dentro da interpretação de Stampe, o **pós-balbuciar** é o período em que as palavras não são semânticas e consistem caracteristicamente de seqüências bem articuladas de sílabas idênticas e acentuadas. As primeiras palavras assemelham-se a esse pós-balbuciar, em sua estrutura, já com significação. Supõe-se, pois, que as formas redobradas têm representações, talvez imitações da fala do adulto, antes do reconheci-

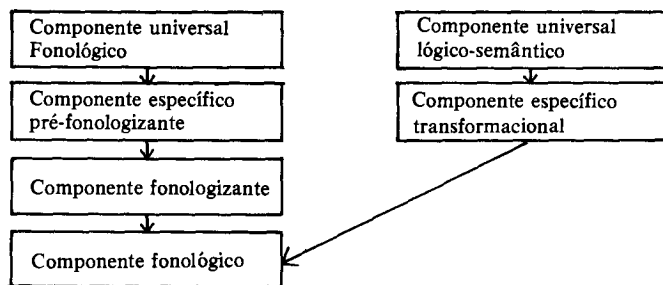
mento de suas distinções e semanticidade. Esse processo será paulatinamente “revisto de certo modo pela experiência lingüística da criança”, (Stampe 1969) sofrendo assim a ação dos três mecanismos que atuam sobre os processos inatos.

Embora contrariando em parte Stampe, nossa proposta para a representação subjacente das formas do redobro é a de que ela se apresenta como uma **arqui-sílaba** ou **seqüência de arqui-sílabas**.

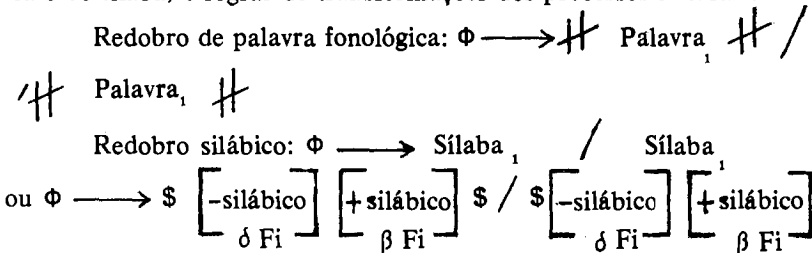
Hooper 1975 já propusera um arqui-segmento para a representação dos segmentos subjacentes, visto que ela não considera os morfemas como unidade fonológica. Gregory Lee 1975 advoga também a introdução desse conceito na representação subjacente. O objetivo principal de Hooper ao propor o arqui-segmento é a obtenção de segmentos completos, pronunciáveis, pois os traços em branco dos arqui-segmentos são acrescentados durante a derivação, sem que, entretanto, a autora explicita como surgem.

Endossamos a posição de Angenot 1977: “os traços que faltam foram subtraídos, no começo da derivação, a segmentos inteiros, virtualmente pronunciáveis antes de seu enfraquecimento e pertencentes ao estoque comum universal”. Os arqui-segmentos de seu modelo resultam da ação do que ele chama de **princípio degenerativo**. No caso específico, a arqui-sílaba vai possibilitar a explicitação e generalização de derivações de todos os tipos. Portanto, o redobro como processo natural inato apresenta-se nas línguas ou em sua forma fonética “intocável”, não sujeito a desneutralizações ou parcialmente supresso (redobro parcial) ou então totalmente supresso. Em certos casos, como no latim, na formação do perfeito, identifica-se a luta pela sua continuidade (existência de formas como tetendi ou tenui, perfeitos de teneo) e a gradativa substituição pelas outras formas do perfeito.

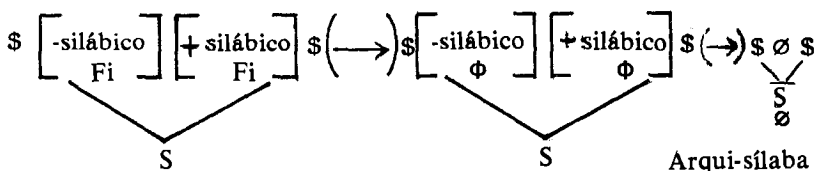
Para melhor visualização da proposta de interpretação do redobro, o quadro abaixo, ultra-simplificado, mostra a inclusão da Fonologia Natural de Stampe — denominada agora de Fonologia Pura — pelas modificações introduzidas (cf. Angenot 1977), na Semântica gerativa:



No componente prefonologizante estariam processos naturais (onde estariam dois tipos de processos de redobro: de palavra fonológica e de sílaba) e regras de transformações dos processos naturais:



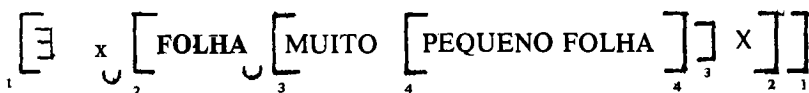
Processo que atua sobre o processo natural:
 Criação de arqui-sílaba: (2)



Por limitação de espaço será aplicada a interpretação proposta a apenas duas das formas de redobro do **corpus**, apresentada de uma maneira bastante simplificada:

1 - kikongo - filukayakaya (folha muito pequena)

Representação semântica:



Output Kikongo: /PEQUENO/CL 11 /FOLHA/MUITO
 (Output português, com outra derivação:

/FOLHA/ /MUITO/ /PEQUENO/)

Componente prefonologizante: 1. criação de arqui-sílaba

2. $\# \left(\longrightarrow \right) +$

Componente fonologizante: /PEQUENO/ $\# \text{ fi} +$
 /CL 11/ $\rightarrow +\text{lu} +$
 /FOLHA/ $\rightarrow +\text{kaya} \#$
 /MUITO/ $\rightarrow \# \text{ Sn} \#$
 Φ

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, S. *On the typology of phonological rules*. Chicago, Chicago Linguistic Society, 1974 (Papers from parasession on natural phonology).
- ANGENOT, J.P. *Classes phonologiques naturelles, panchronie et principe dé-génératif*. Rio de Janeiro, 1977 (Apresentado ao XV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas. Rio de Janeiro, 1977).
- . *Sub-especificação e tenologia natural; exemplos africanos*. Rio de Janeiro, PUC, 1977 (Apresentado ao II Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro, 1977).
- BAMGBOSE, A. *A grammar of Yoruba*. Cambridge, University Press, 1966.
- BJARKMAN, P.C. *Toward a proper conception of processes in natural phonology*. Chicago, Chicago Linguistic Society, 1975.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1933.
- BOUQUIAUX, L. *La langue Birom, Nigeria septentrional: phonologie, morphologie, syntaxe*. Paris, Les Belles Lettres, 1970.
- BOURCIEZ, E. *Elements de linguistique romane*. Paris, Klincksieck, 1923.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass., MIT Press, 1965.
- & HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York, Harper and Row, 1968.
- CROFTS, M. *Repeated morphs in Mundurukú*. Brasília, Summer Institute of Linguistics, 1971 (estudos sobre línguas e culturas indígenas).
- DONEGAN, P.J. *Raising and lowering*. Chicago, Chicago Linguistic Society, 1976.
- FERGUSON, C. et alii. *Model and replica, phonological grammar of a child's first words*. Amsterdam, North Holland Publishing Co., 1973.
- HOOPER, J.B. The syllable in phonological theory. *Language*, 48 (3): 525-40, 1972.
- . The archisegment in natural generative phonology. *Language*, 51 (3): 536-60, 1975.
- . *An introduction to natural phonology*. New York, Academic Press, 1976.
- HULSTAERT, G. *Grammaire du Lomongo*. Belgique, Musée Royal de l'Afrique Centrale, 1965 (Tervuren Annales, 57).
- JAKOBSON, R. *Child language, aphasia and phonological universals*. The Hague, Mouton, 1941.
- KROEKER, M. *Nambiquára verb stems*. (Pesquisa não publicada, subvencionada pelo Summer Institute of Linguistics).
- LAKOFF, G. Global rules. *Language*, 46: 627-9, 1970.
- LEE, Gregory. Natural phonological descriptions, I. *Working Papers Linguist.*, 7 (5) 1975.
- LIEB, Hans-Heinrick. Universals of language; quandaries and prospects. *Foundat. Lang.*, (12) 1975.
- MEEUSSEN, A.E. *Bantu grammatical reconstructions*. Belgique, Musée Royal de l'Afrique Centrale, 1967 (Tervuren Annales, 61).
- MEILLET, A. *Les dialectes indo-européens*. Paris, Edouard Champion, 1922.
- . *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*. Paris, Hachette, 1924.
- MORIN, Y.C. The phonology of echo-words. *Language*, 48 (1): 97-108, 1972.
- MUNRO, P. & BENSON, P. Reduplication and rule ordering in Luiseño. *Int. J. Amer. Linguist.*, 39: 15-21, 1973.

- POSTAL, P. *Aspects of phonological theory*. New York, Harper and Row, 1968.
- SAMARIN, W. *The Gbeya language: grammar texts and vocabularies*. Berkeley, University of California, 1966.
- SAPIR, E. *Language*. New York, Harcourt, Brace, 1921.
- SHIELDS JR. On the origin of normal reduplication in indo-european. *Orbis*, Louvain, 25 (1): 37-43, 1976.
- SMITH, N. *The acquisition of phonology*. Cambridge, University Press, 1973.
- STAMPE, D. On the acquisition of phonetic representation. In: REGIONAL MEETING OF THE CHICAGO LINGUISTIC SOCIETY, 5 *Papers from...* Chicago, Chicago Linguistic Society, 1969.
- VENNEMANN, T. *Natural generative phonology*. St. Louis, 1971 (Paper read at the annual meeting of the Linguistic Society of America, 1971).
- . *Words and syllables in natural generative grammar*. Chicago, Chicago Linguistic Society, 1974 (Papers from parassession on natural phonology).
- WILBUR, R. *The phonology of reduplication*. Indiana, Indiana University Club, 1973.
- . *When is a phonological rule not a phonological rule?* Chicago, Chicago Linguistic Society, 1974 (Papers from the parassession on natural phonology).

RESUMO

Este trabalho propõe a interpretação do redobro, presente em diversas línguas, como um processo natural, inato da linguagem à luz da Fonologia Natural, ou mais propriamente, da Fonologia Pura, integradora da Fonologia Natural na Semântica Gerativa. São revistas as posições, a respeito do redobro dos filólogos clássicos, dos estruturalistas e dos gerativistas bem como uma variação do modelo padrão incluindo um componente morfológico independente, onde estaria o redobro, regras globais integrando seu princípio de identidade nas regras fonológicas. Mostrando, a partir de um **corpus**, que as formas dobradas refletem os processos naturais da Fonologia Natural, propõe-se uma **arqui-sílaba** no componente prefonologizante. As regras fonológicas geram as variadas formas superficiais do redobro, sem o auxílio de outro mecanismo justificador das chamadas formas **excepcionais**.

SUMMARY

This paper proposes the interpretation of reduplication, present in several languages, as a natural and innate process of language as postulated by Natural Phonology, or more properly, by Pure Phonology, which integrates Natural Phonology with Generative Semantics. The view points of the classical philologists, the structuralists and the generativists about reduplication are revised, as well as a variation of the standard model including an independent morphological component, containing reduplication, and global rules integrate its principle of identity with phonological rules. By taking a corpus as a starting point to show that the reduplicated forms reflect the processes of Natural Phonology, an archisyllable in the prephonologizing component is proposed. The various surface forms of reduplication are generated by phonological rules, without the aid of any other mechanism that justifies the so called exceptional forms.